

## O RACISMO ESTRUTURAL VIVENCIADO NA PELE: HISTÓRIA ORAL DE QUEM VIVE, SENTE E LUTA

**Nathália Germiniani Silva**

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, Brasil.

E-mail: [nathalia.germiniani@unesp.br](mailto:nathalia.germiniani@unesp.br)

**Elaine Nabor de Lima**

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, Brasil.

E-mail: [elaine.lima@unesp.br](mailto:elaine.lima@unesp.br)

**Juliana Maria Vaz Pimentel**

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, Brasil.

E-mail: [juliana.vaz@unesp.br](mailto:juliana.vaz@unesp.br)

### RESUMO

Este artigo é um recorte da pesquisa “Formação Crítica nas Questões Étnico Raciais na Escola Pública: Articulando Teoria e Prática, desenvolvida no grupo de pesquisa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” de Presidente Prudente - SP. A população alvo da pesquisa envolveu seis pessoas de referência na temática “negritude” residente nos municípios pesquisados, sendo três em Presidente Prudente e três em Rosana para pesquisar suas histórias de vida. Para tanto esse artigo objetivou dialogar com temáticas relacionadas ao racismo estrutural frente as colocações da narrativa de uma história de vida. Assim, este estudo propõe uma reflexão, buscando compreender essas relações experienciadas a partir das de memórias (auto) biográficas. A entrevista ocorreu de via Google Meet após apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a qual foi agendada previamente e realizada com o Sr. Jair (Professor, educador musical e Músico). Optamos pela utilização do método “História Oral”, a qual se desenvolveu por meio da entrevista temática composta por 3 momentos principais, a saber: 1º História de vida e religião; 2º Vivências marcantes e a questão racial; 3º Educação, formação e perspectivas de luta. Através de aproximações realizadas é evidente o quanto a concepção do racismo estrutural histórico é essencial para se identificar as raízes profundas das desigualdades raciais que persistem na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Racismo Estrutural; Religião; História Oral.

## STRUCTURAL RACISM EXPERIENCED ON THE SKIN: ORAL HISTORY OF THOSE WHO LIVE, FEEL, AND FIGHT.

### ABSTRACT

This article is an excerpt from the research “Critical Education on Ethnic-Racial Issues in Public Schools: Articulating Theory and Practice,” developed by the research group at São Paulo State University “Júlio de Mesquita Filho” in Presidente Prudente, SP. The target population for the research involved six individuals recognized in the theme of “Blackness,” residing in the municipalities studied, with three from Presidente Prudente and three from Rosana, in order to explore their life stories. This article aims to engage with themes related to structural racism through the narrative of a life story. Thus, this study proposes a reflection, seeking to understand these

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Volume Especial “Ocupação Preta: a história de um é a narrativa de todos”, pg. 102-121, mar/2025.*

ISSN: 2176-5774

relationships experienced through (auto)biographical memories. The interview was conducted via Google Meet after the presentation and signing of the Informed Consent Form, which was scheduled in advance and carried out with Mr. Jair (Professor, music educator, and musician). We opted to use the “Oral History” method, which developed through a thematic interview composed of three main moments: 1) Life history and religion; 2) Significant life experiences and the racial issue; 3) Education, formation, and perspectives of struggle. Through the conducted approaches, it is evident how the understanding of historical structural racism is essential for identifying the deep roots of racial inequalities that persist in contemporary society.

**Keywords:** Structural Racism; Religion; Oral History.

## EL RACISMO ESTRUCTURAL VIVIDO EN LA PIEL: HISTORIA ORAL DE QUIENES VIVEN, SIENTEN Y LUCHAN.

### RESUMEN

Este artículo es un extracto de la investigación “Formación Crítica en las Cuestiones Étnico-Raciales en la Escuela Pública: Articulando Teoría y Práctica”, desarrollada en el grupo de investigación de la Universidad Estatal de São Paulo “Júlio de Mesquita Filho” en Presidente Prudente, SP. La población objetivo de la investigación involucró a seis personas referentes en la temática “negritud”, residentes en los municipios estudiados, siendo tres de Presidente Prudente y tres de Rosana, para investigar sus historias de vida. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo dialogar con temáticas relacionadas con el racismo estructural a partir de la narrativa de una historia de vida. Así, este estudio propone una reflexión, buscando comprender estas relaciones experimentadas a partir de memorias (auto)biográficas. La entrevista se realizó a través de Google Meet después de la presentación y firma del Consentimiento Informado, la cual fue programada previamente y llevada a cabo con el Sr. Jair (Profesor, educador musical y músico). Optamos por utilizar el método de “Historia Oral”, que se desarrolló a través de una entrevista temática compuesta por tres momentos principales: 1º Historia de vida y religión; 2º Vivencias significativas y la cuestión racial; 3º Educación, formación y perspectivas de lucha. A través de las aproximaciones realizadas, es evidente cuán esencial es la concepción del racismo estructural histórico para identificar las raíces profundas de las desigualdades raciales que persisten en la sociedad contemporánea.

**Palabras clave:** Racismo Estructural; Religión; Historia Oral.

### INTRODUÇÃO

Em um país rico por sua diversidade étnica e cultural, como o Brasil, as discussões sobre o racismo estrutural e a intolerância religiosa ainda é foco de grande preocupação. Com implementação das políticas públicas, o movimento negro tem ganhado forças, o que têm possibilitado o debate sobre as relações étnico raciais, apesar de avanços significativos no campo educacional, as discussões sobre relações entre raça, cultura e religiões de matriz africana não é suficiente.

[...] certos comportamentos e valores ainda enraizados nas mais diversas culturas impõem um cenário de intolerância, preconceito, discriminação e ataque à dignidade humana e às liberdades dos seus pares, tanto sob o prisma humano como legal. Dentre tais comportamentos, a questão da intolerância religiosa vem se mostrando cada vez mais evidente, estabelecendo estreita relação com o racismo estrutural que tanto define a

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Volume Especial “Ocupação Preta: a história de um é a narrativa de todos”, pg. 102-121, mar/2025.*

ISSN: 2176-5774

sociedade no Brasil. Caracterizada pela discriminação e preconceito contra as religiões de matriz africana, a intolerância vem alcançando amargo destaque no arco que envolve o comportamento, hábitos e reações da maioria das pessoas inseridas em um errôneo contexto de superioridade pela sua cor branca, padrão europeu e crença em religiões ligadas ao cristianismo –religião implantada e unificada no Brasil desde os tempos da colonização (Barbaresco, 2024, p.109).

Desse modo, a discussão da temática faz-se essencial, uma vez que, esses comportamentos ainda perpetuam refletindo uma visão distorcida entre certo e errado, disseminando a ideia de que algumas culturas são inferiores quando comparada a outras. Nesta perspectiva, o racismo estrutural presente nas sociedades, bem como os diversos tipos de discriminações atreladas a ele, vem impactando negativamente no convívio social, na liberdade de expressão, bem como, ferindo os direitos humanos.

O presente trabalho vincula-se a pesquisa: “Formação Crítica nas Questões Étnicas Raciais na Escola Pública: Articulando Teoria e Prática, desenvolvida no grupo de pesquisa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” de Presidente Prudente -SP. A população alvo da pesquisa envolveu seis pessoas de referência na temática “negritude” residente nos municípios pesquisados, sendo três em Presidente Prudente e três em Rosana para pesquisar suas histórias de vida. Este artigo trata-se de um recorte desta pesquisa, apresentando a história oral de uma pessoa referência na luta antirracista na cidade de Rosana.

A entrevista ocorreu de via Google Meet após apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a qual foi agendada previamente e realizada com o Sr. Jair (Professor, educador musical e Músico). Optamos pela utilização do método “História Oral”, a qual se desenvolveu por meio da entrevista temática composta por 3 momentos principais, a saber: 1º História de vida e religião; 2º Vivências marcantes e a questão racial; 3º Educação, formação e perspectivas de luta.

Isto posto, objetivamos por meio desta pesquisa dialogar com as temáticas relacionadas ao racismo estrutural frente as colocações da narrativa de uma história de vida. Assim, a partir metodologia da história oral, este estudo propõe uma reflexão, buscando compreender essas relações experienciadas a partir das de memórias (auto) biográficas. Na primeira parte da discussão, abordaremos sobre a história oral e suas contribuições metodológicas, destacando a narrativa como meio de se manter as memórias e identidades vivas; na segunda, fazemos algumas aproximações e reflexões acerca do racismo estrutural presente em nossa sociedade, o qual representa uma das formas mais graves de discriminação contra o ser humano cotidianamente. Na terceira parte, começamos a apresentar a narrativa

do Sr. Jair e tecer a articulação com o racismo vivenciado por ele durante sua trajetória de vida, assim, buscamos abordar questões como história de vida e religião; vivências marcantes e a questão social, bem como educação, formação e perspectivas de luta. Por fim, encerramos com as considerações finais acerca da temática pesquisada.

## HISTÓRIA ORAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS

Narrativa, sujeitos, memórias, histórias e identidades. São a humanidade em movimento. São olhares que permeiam tempos heterogêneos. São a História em construção. São memórias que falam (Delgado, 2009, p. 23).

Ao longo da história, as memórias vivenciadas por pessoas, grupos ou comunidades ficavam à margem da escrita acadêmica ou registros oficiais, não permitindo ampliar as vozes, sobretudo, de grupos sociais excluídos, como mulheres, minorias étnicas, indígenas, trabalhadores, crianças entre outros. Entretanto, a história oral tem ganhado cada vez mais espaço dentro das pesquisas, uma vez que por meio dela a diversidade de experiências humanas é evidenciada.

Embora sua introdução no Brasil date dos anos 70, somente no início dos anos 90 a história oral experimentou aqui uma expansão mais significativa. A multiplicação de seminários e a incorporação pelos programas de pós-graduação em história de cursos voltados para a discussão da história oral são indicativos importantes da vitalidade e dinamismo da área. Por outro lado, o estabelecimento e o aprofundamento de contatos com pesquisadores estrangeiros e com programas de reconhecido mérito internacional, propiciados pelos encontros e seminários, criaram canais importantes para o debate e a troca de experiências (Ferreira; Amado, 1998, p. 04).

A metodologia do emprego da história oral permite ao historiador apreender, escrever e interpretar as memórias valorizando as narrativas possibilitando a ampliação da compreensão das experiências vivenciadas a partir de diferentes pontos de vista. Segundo Delgado (2003, p. 23), “a história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber”.

Embora, ainda haja críticas pelos mais conservadores sobre o uso história oral como fonte para a escrita, devido as subjetividades próprias das memórias, pesquisadores, como, Portelli (1991), evidenciam a importância da história oral para uma compreensão mais ampla do passado, pois justamente ao olharmos para as subjetividades, as vozes marginalizadas serão ouvidas.

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Volume Especial “Ocupação Preta: a história de um é a narrativa de todos”, pg. 102-121, mar/2025.*

ISSN: 2176-5774

Cada história conta um ponto, mostra um outro olhar, um sentimento diferente. Por meio da história podemos compreender as nuances e particularidades vividas pelo narrador. As narrativas históricas servem para enriquecer a memória coletiva, auxiliando no despertar das lembranças. Para Delgado (2009, p. 21-22):

As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram da História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. Possuem natureza dinâmica e como gênero específico do discurso integram a cultura de diferentes comunidades (Delgado, 2009, p 21-22).

Nesse sentido, as narrativas possibilitam manter viva a identidade e memórias de uma comunidade, sendo essencial como meio de preservar e transmitir a identidade e as tradições de um povo. Dada a sua natureza intrínseca, a narrativa deixa marcas de seu narrador, ampliando a multiplicidade de interpretações, uma vez que, elas contam a história e a identidade de quem fala, mas também podem transmitir significados que vão além das intenções e intenções.

As narrativas evidenciam identidades coletivas e afirmam os sujeitos como pertencentes em seu espaço, haja vista que, as narrativas suscitam as lembranças da memória e da consciência da memória temporal. Para Portelli (2017, p. 188) “a memória não é um mero depósito de dados da qual se pode recuperar informações, mas um processo em contínua elaboração no qual se pode estudar as diferentes modalidades”. Nesse sentido, percebemos que a memória é permeada pela subjetividade, sendo fundamental a escuta e o olhar atento às narrativas individuais, de maneira tal, apreender que os “esquecimentos” da memória são, na verdade, relevantes ao pensamento e à identidade dos narradores. As memórias, segundo o autor, são uma visita ao passado, um exercício de lembrar e esquecer, em que ambos estão além de meros registros, remetendo a uma pluralidade de interpretações que os narradores contam de suas experiências.

Bosi (2003), explora como a memória são influenciadas pela cultura e pelo tempo, destacando a importância da história oral para a compreensão das mudanças sociais. A autora destaca a memória dos velhos como sendo “o intermediário informal da cultura”, no que se

refere “a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura”.

Ademais, “a memória, é um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido conotado pela cultura do indivíduo” (Bosi, 1993, p.281), ela permite uma relação dialógica entre as gerações, pois possibilita visitar o passado pelo olhar daqueles que o viveram, revelando tanto as conquistas como os desafios enfrentados, ampliando a compreensão e enriquecendo a história do grupo, da cultura e pertencimento dos sujeitos. Diante do exposto, a história oral é o que dizer sobre as pessoas e pelas pessoas, é o saber escutar e contar evidenciando as pessoas que fizeram e que fazem a história, ampliando a voz de sujeitos que outrora estavam perdidos e esquecidos em suas próprias narrativas.

Pesquisas apontam como essa metodologia tem se expandido em diversas áreas do conhecimento, haja vista que, por meio dela há uma aproximação entre o passado e o presente, possibilitando a compreensão de como esses fatos afetaram e afetam no cotidiano de uma pessoa ou de um grupo. Bem como, para evidenciar a história das populações marginalizadas, propiciando um olhar mais humano e reflexivo, combatendo as desigualdades. A história oral transformou a pesquisa histórica, enriquecendo o campo da história possibilitando uma pluralidade de novas percepções para a análise e interpretação de narrativas, propiciando a integração de abordagens interdisciplinares que abrangem sociologia, antropologia e psicologia.

Para, além disso, percebemos a história oral como uma forma de resistência cultural, ela ajuda preservar as tradições de uma comunidade, pois permite uma escuta e um olhar voltado para o registro das percepções pessoais no entendimento do passado, ressignificando o que já está como posto, valorizando as subjetividades das memórias e permitindo ao pesquisador não apenas o entendimento dos fatos, mas como eles são sentidos em sua individualidade. Neste sentido, trazemos aqui a história oral como uma metodologia de suma importância para a compreensão do racismo estrutural.

## **APROXIMAÇÕES SOBRE O RACISMO ESTRUTURAL**

Antes de falarmos sobre o racismo, é importante o resgate na história sobre o termo raça, o qual está permeado de grandes controvérsias. De acordo com Sílvio Almeida (2019, p. 19) a raça não é um termo fixo e está relacionada a situações históricas, pois a utilização deste termo está sempre atrelada as questões de poder, conflito, contingência e decisões.

Desta forma, a historicidade de raça se vincula intrinsecamente a história da formação política, cultural e econômica das sociedades contemporâneas.

Em meados do século XVIII a corrente intelectual iluminista forneceu ferramentas para que futuramente houvesse o surgimento de comparações e classificações entre seres humanos a partir das características físicas e culturais. Surgindo assim, a classificação filosófica e antropológica entre humanos “civilizados” e humanos “selvagem”, o que posteriormente foi chamado pelas sociedades modernas de “civilizado” e “primitivo”. Tais classificações iniciaram com o processo de desumanização e são a razão de genocídios até os dias atuais. De acordo com o autor supracitado, por conformação histórica, a raça se constitui a partir de dois marcos básicos que se entrelaçam e complementam:

1. Como característica biológica, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele;
2. como característica étnico-cultural, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, “a uma certa forma de existir”. À configuração de processos discriminatórios a partir do registro étnico-cultural Frantz Fanon denomina racismo cultural” (Almeida, 2019, p. 24).

Embora a ciência e a biologia tenham mostrado que não existem diferenças biológicas ou culturais que justifiquem a discriminação entre os seres humanos, a noção de raça ainda é um elemento político. Sabemos que ela é empregada para legitimar desigualdades, justificar a segregação e apoiar o genocídio de grupos considerados minoritários do ponto de vista sociológico. Neste sentido, podemos dizer que:

[...] o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (Almeida, 2019, p.25).

Para que se possa refletir sobre o racismo em nosso país, é preciso realizar um resgate histórico do contexto de sua formação como nação, o qual é marcado por um abuso de poder violento e desumano, por séculos de escravização de pessoas negras e indígenas, pela dominação político-cultural, social e religiosa, bem como pela exploração de riquezas por grupos de origem europeia. Em razão desse processo cruel de colonização em meados de 1540 é que podemos considerar a origem do racismo no Brasil, logo também quando os

africanos chegam as terras brasileiras de forma forçada e violenta para trabalharem nas lavouras.

O pensamento que sustentava o racismo na época era a ideologia da supremacia do homem branco europeu, que estabelecia sua superioridade em relação aos outros grupos étnicos e raciais fora da Europa, conhecida como eurocentrismo. A prática do etnocentrismo, que materializa essa ideologia colonizadora, posicionava o homem branco europeu como superior às demais raças, etnias e culturas, permeando todo o processo de colonização portuguesa no Brasil, do século XVI ao XIX, e deixando profundas marcas em nossa formação sociocultural até nos dias atuais.

Habitamos um país onde o racismo é abordado de maneira sutil, sem a devida seriedade e respeito que as análises sobre as questões raciais em nosso cotidiano exigem. Muitos desses problemas estão ligados à história de negros, indígenas e outras etnias que migraram para o nosso continente, assim como às relações sociais, culturais, econômicas e políticas que se formaram ao longo desse processo histórico.

O racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências diretas de suas características físicas ou biológicas. (Munanga, 2003, p. 8)

O racismo é uma ideologia que procura dividir as pessoas com base na raça, atribuindo-lhes uma série de estereótipos relacionados a características que supostamente pertencem a cada grupo racial. Nesse contexto, a raça não apenas identifica os integrantes do grupo, mas também cria a ideia de que possuem atributos naturais, tanto morais quanto intelectuais. Por exemplo, na visão racista, há uma dicotomia entre brancos e negros: os brancos são considerados moralmente bons, com cultura superior, dedicação ao trabalho e valores éticos e civilizatórios, enquanto os negros são vistos como moralmente inferiores, com cultura considerada inferior (ou sem cultura) e falta de comprometimento com o trabalho e esses valores. Assim, forma-se uma representação social que coloca os brancos como aptos a governar e a ocupar as melhores posições e profissões, enquanto os negros são relegados a condições sociais subalternas e desfavorecidas.

O racismo se tornou parte do cotidiano das pessoas e representa uma das formas mais graves de discriminação contra o ser humano, afetando muitas pessoas de várias maneiras. No Brasil, essa discriminação é particularmente intensa em relação às pessoas

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Volume Especial “Ocupação Preta: a história de um é a narrativa de todos”, pg. 102-121, mar/2025.*

ISSN: 2176-5774

negras. Ao abordar o conceito de racismo estrutural, nota-se que suas manifestações ocorrem de diferentes formas, como discriminação, preconceito, segregação e estereótipos. Muitas vezes, essas manifestações são sutis ou negadas, com o objetivo de evitar a responsabilização por esses comportamentos.

A partir da história oral abaixo, podemos compreender o racismo e a necessidade de enfrentamento diária de forma mais aproximada, por meio de uma história biográfica temporal, em que a existencialidade e experiências ao longo da vida são marcadas pelo racismo e demais discriminações. Narrativas que nos coloca uma disposição ontológica na qual os significados produzidos pelos sujeitos sobre si mesmos e sobre sua realidade social revelam formas de apreensão e interpretação de suas vivências atreladas ao racismo e que são importantes de serem registradas como forma de apreendermos quais são as formas e os impactos oriundos do racismo sofridos pelas pessoas negras em seu cotidiano.

## **A HISTÓRIA ORAL DE QUEM VIVE, SENTE E LUTA: RACISMO, INTOLERANCIA RELIGIOSA E CAMINHOS DE ENFRENTAMENTO**

Certamente já ouvimos ou lemos sobre manifestações de racismo que marcaram a história da humanidade, cujas memórias ainda permanecem vivas em algumas gerações. Essas manifestações ocorrem “por meio de práticas discriminatórias, de intolerância, da censura e da violência” (Bartel, 2014, p. 107). De acordo com o autor as práticas racistas podem se manifestar distintas e nem sempre são evidentes ou lineares. Podem estar associadas a diferentes atores sociais, como o Estado, instituições, grupos, segmentos ou movimentos sociais. Quando chegam as redes digitais de comunicação tem grande repercussão, recebendo ampla cobertura na mídia e na educação em nosso país e assim, são reconhecidas. No entanto, o maior desafio que enfrentamos atualmente parece estar em nosso cotidiano e ainda temos grandes dificuldades em compreender e interpretar as singularidades do racismo no Brasil.

As narrativas do Sr. Jair, homem negro, 49 anos, professor, educador social e músico, nos faz refletir sobre diversas questões discriminatórias enfrentadas em seu cotidiano desde a sua infância, como podemos verificar a seguir.

Quando chegamos na cidade mesmo assim, mais assim Campinas, Prudente e tal, foram muitos lugares, foram muitas questões assim. Mas até então, a gente em geral, a gente não entendia essa questão do racismo, a gente não tinha isso, não tinha noção nenhuma do que é racismo, que um é preto, outro é branco, rico, pobre, que! Era bem assim complicado, bem “chucrinho” mesmo (risos). E aí quando entramos na cidade pra trabalhar e tudo, aí começou a despertar e observar a diferença de tratamento da gente, inclusive da minha própria mãe, do meu próprio pai mesmo que falava: “Não, vocês tem que estudar, só que vocês tem que trabalhar”. Vamos supor, já estou pulando uma parte gigantesca, mas chegou no colegial a regra era: você é filho de trabalhador, você é pobre, preto, então você vai ser o cara que vai trabalhar para o... Porque a gente é da mesma escola, isso aí era claro, mas o branquinho rico, filho do fulano e outro do ciclano, vai continuar sendo rico, você não, você só precisa estudar, fazer o colegial e tá bom e você vai trabalhar pra ele. Era assim uma coisa bem já determinada (Jair, 2024)

Essas práticas, pensamentos e contextos são bastante frequentes desde a infância das gerações de pessoas negras, especialmente no contexto escolar, onde uma criança pode se referir a outra em relação à cor de sua pele, ao tipo de cabelo, ao seu comportamento ou à sua situação financeira. Historicamente, as atitudes preconceituosas tendem a se direcionar, em sua maioria, aos grupos considerados minorias, que acabam sendo excluídos.

De acordo com Lélia (1984, p. 232) “[...] desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados”. As práticas racistas, assim, representam um conjunto específico de comportamentos que constituem a discriminação racial e promovem a ideia de superioridade entre as raças.

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam. (Almeida, 2019, p. 25)

É notório na fala do Sr. Jair, outros entrelaçamentos, como com a questão religiosa, que aparece de forma marcante. Os sujeitos historicamente vinculados a religiosidade, via de regra possuem uma forte crença que impossibilita muitas vezes a reflexão sobre si mesmo, o pensar por si fica acobertado por dogmas religiosos universais e tidos como verdade absoluta.

Além das classes sociais, encontramos na sociedade brasileira, ou melhor, em todas as sociedades, mais de uma comunidade religiosa. Entendo por comunidade religiosa, um conjunto de indivíduos, homens e mulheres, que partilham uma mesma religião, cultuam um mesmo deus e consequentemente desenvolvem as mesmas crenças a respeito do mundo e do cosmos. Geralmente, os membros de uma comunidade religiosa pensam que sua religião é a melhor do mundo e a única verdadeira, sendo as outras consideradas como ruins ou inferiores. Partindo desse etnocentrismo, eles se acham no direito de falar mal das outras comunidades religiosas e até de praticar o que se chama de intolerância religiosa. (Munanga, 2010, p.4)

Neste sentido, perguntamos ao Sr. Jair se achava que existia uma diferença, entre a construção racial que o seu pai e sua mãe fizeram, por exemplo, quando ele diz que por entre as frases que havia uma indicação de “Olha, você é pobre, você é preto”... Questionando-o de onde vinham essas frases, se do seu pai ou da sua mãe, quem era a pessoa que mais impactava a sua identidade racial, ele salienta:

Exatamente, assim, os dois, mas com mais ênfase, “que tem que ser daquele jeito mesmo”, “porque Deus fez daquele jeito” foi a minha mãe, e o pior, assim não sei, acho que é o pior, é que ela era preta também, era não, ainda tá viva, mas é por ter aquele conhecimento bem limitado, não tinha noção nenhuma, criada na igreja, aquela coisa toda né, então pra ela o certo era isso, o meu pai falava bem menos, mas também é bem racista mesmo, “isso é coisa de preto”, né é isso, aquelas frases que a gente já conhece bastante. E já a minha mãe, enfatizava mesmo, por exemplo, quando eu deixei meu cabelo grande e tal, nossa, foi uma loucura assim, “você não é mais de Cristo”, “você não vai mais na igreja”, aquela coisa toda... E é porque é um combo de coisas que acontecia né, “você tem que cortar seu cabelo”, “você tem que arrumar um serviço pra você parecer igual branco”, uma coisa de branco, sabe assim e nisso eu falava: coisa de branco, coisa de preto, a gente não entendia muito, porque todo mundo que eu conhecia, a maioria era assim pardo, da minha cor ou mais escuro, era periferia, então porque tinha que ser coisa de branco, de preto, eu mesmo não entendia isso. (Jair, 2024).

Deixando evidente ainda o impacto da religião, nesse diálogo entre sua mãe e seu pai, ainda escutava em relação a questão racial:

Exato, tinha, muita, muita, muita! Porque, por exemplo, todo mundo tem a ideia do anjo que é branquinho, aquela coisa bonita, luz, tudo coisa clara é do lado do bem né. Então já algo assim, inclusive bíblico, e a minha mãe deixava bem enfatizado mesmo, até hoje se a gente for conversar com ela, ainda tem esse ranço bem pesado mesmo. (Jair, 2024).

A história da humanidade apresenta numerosos exemplos de perseguições religiosas, frequentemente acompanhada por guerras motivadas por crenças divinas. Podemos lembrar das guerras religiosas na Europa, das guerras santas muçulmanas, das cruzadas cristãs, das inquisições na Península Ibérica, dos conflitos entre católicos e protestantes na Irlanda, assim como das disputas entre muçulmanos e católicos na Nigéria e os conflitos entre ortodoxos, católicos e muçulmanos no Kosovo, entre outros. Em relação ao Sr. Jair, a religião transformou-se em um agravante ainda maior somado a questão racial e de classe, contribuindo para a naturalização do racismo e para a não compreensão da identidade racial e cultural das quais pertenciam e se constituíam enquanto sujeitos.

Um fato marcante na vida do Sr. Jair ocorre também na escola, quando evidencia a importância de um professor que passa a influenciar essa identidade e que devido a ele, houve uma grande contribuição nesse processo de compreensão de sua identidade racial e cultural.

Positivo, mas assim, no começo pra eu aceitar... “magina, esse cara tá louco”, “magina, não tem isso!” Eu não via essa agressividade com algumas falas, eu não via, falava “ué, mas não tem problema e tal”, não ligava, nem tchum! Aí, ele, esse outro irmão, começou a mudar bastante, eu comecei a ir atrás, a ler, descobrir, ler sobre a África, cultura africana na nossa influência indígena e tal. Foi quando eu me encontrei mesmo, aí eu soube falar quem eu era (risos) .... Aí soube falar o porquê de tudo isso (Jair, 2024).

Mais tardar, da família do Sr. Jair, somente ele e outro irmão, passaram a tomar consciência da história de nossa sociedade, sobre outras culturas, sobre suas origens, identidades raciais, culturais, sociais, sobre o racismo e outras questões antes incompreendidas. Dentre tantas vivências contadas, há momentos marcantes sobre a questão do racismo e preconceito que nos chocaram e nos espanta por sabermos que se trata da realidade diária de inúmeras pessoas negras em nossa sociedade. A medida que nos contava, sua história ia nos atravessando, como se pudéssemos estar naquele momento, a fala, o corpo, a voz e o sentimento compartilhado nos permitia compreender e sentir a dimensão do nós, sua narrativa ecoava a vivência de grupos que experimentaram e experimentam de forma forçada e violenta, condições de exclusão decorrentes do racismo ainda vigente em nossa sociedade.

**VIVÊNCIAS MARCANTES E A QUESTÃO RACIAL**

A teia de palavras e gestos do Sr. Jair, nos apunhalavam o coração de tanta indignação e sede de justiça, pois suas vivências testemunham o que foi e é diariamente vivenciado por negros e negras ao longo da história de nosso país.

Quando eu conheci a Juliana em Prudente, até antes de conhecê-la, eu e alguns amigos, éramos do Pagode, olha aí, só negão (risos)... E aí, meu bem, a gente entrava nos lugares a polícia já fechava, Blitz toda hora, inclusive um dos primeiros casos, foi a gente subindo uma ladeira, uma rua ali na Washington Luiz, a gente subindo em dois carros, o primeiro carro tinha o menino que era o baterista, vamos dizer assim, o rico do grupo e um branquinho junto com ele, o carro passou direto junto com as coisas, e no outro carro tinha só os pretinhos da percussão, e eu era das cordas né, na hora que eles viram os dois carros, o primeiro olhou assim e passou direto, aí quando viu um monte, só pretinho no carro falou “Ixi, encosta!” Aí aquela história né, mão na parede, dá uns tapas, dá uns empurrões e você tem que ficar quieto e tal. Nunca eles pararam os dois e muitas vezes eram os mesmos policiais na madrugada, porque a gente tocava num lugar, saía para tocar em outro ou ia embora mesmo e tal. Comecei a perceber, “ah, então tudo aquilo que comecei a aprender e observar é nisso que começa a me mostrar na prática, me apresentar na prática.” Teve Carrefour, teve um monte de loja, agora um dos piores fatos foi em Curitiba, assim que, seguranças veio assim. Estava com um amigo, ele branco né, tava muito frio, eu tava com uma jaquetona preta com toca, imagina (risos) ... Aí entrando no shopping em Curitiba, eu passei pela praça de alimentação e meu amigo do lado, aí ele falou assim “Ó Jair, meu primo é o que comanda a parte da segurança aqui tá, eu vou na frente porque vou ver uma loja e tal, se quiser vai dando um rolê né.” Aí eu fiquei olhando loja atoa assim, ele passou, foi embora e eu tava do lado dele, fui mais devagar e ele seguiu né. Quando ele saiu e eu fui indo mais devagar, olhando as lojas, olhando tudo aquilo, não conhecia Curitiba e tal, isso já em 99, 98 sei lá. Eles me cercaram, ficavam andando atrás de mim uns dois, três, assim, eu parava e eles faziam questão de ficar os dois olhando pra mim assim, um do lado do corredor e outro do outro, eu andava mais um pouquinho e eles andavam junto, até que chegou no final do corredor e eles encostaram e falaram “O que você quer aqui e tal?” “De onde você é? E começaram a tratar bem mal assim né, um dos primeiros casos assim, além da polícia, a polícia pra gente era tudo, mas depois começamos a perceber isso, os carrinhos mais bonitos com os carinhas mais bonitos, que era os branquinhos, passava batido, e a gente não, encostava, meia hora do lado esperando... Em Curitiba, foi muito pesado mesmo, Rio Grande do Sul também foi bem forte também, Santa Catarina. (Jair, 2024)

Vivemos em um país, que desde o período colonial e passando posteriormente pela ditadura militar, possui como marca evidente duas formas de repressão voltadas para públicos diferentes. A repressão política que afetava (e afeta) de maneira indiscriminada os

militantes de esquerda e aqueles que se opunham ao regime militar, enquanto a violência estatal era direcionada (e ainda é) quase que exclusivamente aos grupos marginalizados, como negros, pobres e indígenas. Vale ressaltar ainda que além das práticas racistas no Brasil que se iniciaram com a escravização, a qual se perdurou por quatro séculos, o Brasil foi o último país a abolir essa prática, e mesmo após a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, as pessoas negras continuaram a enfrentar desigualdades em relação aos brancos e a outras etnias, uma situação que ainda se mantém na sociedade brasileira contemporânea.

Até pouco tempo, o Brasil não reconhecia de forma legal a profunda desigualdade e discriminação racial presentes no país, e o Estado permanecia indiferente a essa questão. Somente com a Constituição da República Federativa do Brasil, em 1988, o racismo passou a ser oficialmente classificado como crime.

As pessoas querem dizer, está claro, que o preconceito racial no Brasil é provocado pela diferença de classe econômica e não pela crença na superioridade do branco e na inferioridade do negro. O que é a voz do mito de democracia racial brasileira, negando os fatos às vezes tão gritantes da discriminação racial no cotidiano do brasileiro (Munanga, 2010, p.3).

As distinções identificadas entre "nós" e os "OUTROS" são a base para o surgimento de vários tipos de preconceitos, práticas discriminatórias e as ideologias que delas surgem. Ao destacar a diferença como ponto de partida, buscamos esclarecer a confusão que frequentemente surge entre o conceito de preconceito racial e outros preconceitos que se fundamentam em diferentes tipos de distinções.

A percepção da existência do Outro como um atentado contra minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança, é este, penso eu, um dos muitos imaginários de soberania, característico tanto da primeira quanto da última modernidade (Mbembe, 2018, p. 19-20).

Nos relatos do Sr. Jair, notamos o racismo de estado, praticado por nossas sociedades, o qual se difere do ódio individual habitual, pois se caracteriza como um método de "purificação" da população através da eliminação de certos grupos étnicos. Esse tipo de racismo é exercido por estruturas governamentais e administrativas, que acreditam na relação entre prosperidade e extermínio. Assim, como diz Foucault (1999, p.305) o que vai deixar a vida mais segura e saudável é o racismo de Estado é "a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior...". Como bem destaca e complementa Achille Mbembe em seu livro

”Necropolítica”, em termos foucaultianos “o racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “este velho direito soberano de matar” (Mbembe, 2018, p.18).

Neste sistema que vivemos, o “Outro” é aquele que, de certa forma, não se assemelha a nós. E, por essa falta de semelhança, se justifica sua eliminação, violência ou morte. Ao desmerecer esse “Outro”, nos sentimos legitimados a eliminá-lo, é dessa maneira que o racismo se manifesta e que o sistema colonial se mantém até hoje. As vidas que não têm valor são aquelas do “Outro”, que é sempre retratado como perigoso, ameaçador e estranho. Como diz Sr. Jair, o racismo é:

(...) a falta de humanidade, a falta de conhecimento do outro, porque, por exemplo, não dá pra fugir muito da questão religiosa. Se você fala que você é de uma igreja cristã, da católica, Jeová, Deus é amor, é uma coisa, se você fala que é Umbanda, Candomblé e tal, te condena, independente da cor, se é preto é fica pior ainda. Então, acho que a falta de conhecimento histórico, de toda nossa formação e ignorância mesmo, estupidez, acho que é isso. Eu ouço um monte de coisa entre a molecada que eu falo “são os pais que são isso, as falas não são deles”, tenho certeza. Coisas absurdas mesmo, coisa bizarra, acho que é estupidez mesmo, violência, desconhecimento. Ah, e o pior é a má influência das vias digitais, dos famosos coachs. (Jair, 2024)

Nesta fala e outros momentos da entrevista, notamos o quanto as questões do racismo se entrelaçam fortemente com uma ideia religiosa eurocêntrica imposta pela igreja católica, a qual notamos durante suas falas que marcaram de forma traumática as suas relações familiares, sendo fator de muita separação, brigas e desentendimentos. De acordo com Fernandes (2017), essa intolerância pode ser compreendida como “a incapacidade dos indivíduos em compreender crenças diferentes das suas, e nos casos concretos de manifestações de intolerância no campo prático” (Fernandes, 2017, p. 124), ou seja, como uma prática marcada pelo não reconhecimento da veracidade de outros tipos de religiões. Ao se tratar de religiões afrodescendentes esse cenário realmente se torna ainda pior.

Os preconceitos e ações contra esse grupo, o de praticantes das religiões afro, em todos os países americanos em que essas religiões são praticadas, tem a ver com a formação da estrutura estatal sob a colonial modernidade, visto que, para o colonizador, evangelizar as populações submetidas (indígenas e africanos escravizados) era parte fundamental da empreitada colonial (Fernandes, 2017, p. 118).

Na sociedade colonial, as práticas religiosas dos negros eram frequentemente interpretadas como “magia”, “feitiçaria” e “curandeirismo”, associadas ao mal e consideradas ameaçadoras. Por isso, a principal perseguição nesse período partiu da Igreja Católica, mas logo se espalhou para outros setores da sociedade. A perspectiva europeia e cristã era vista como a única maneira legítima de compreender o mundo, e aqueles que não a seguiam eram desvalorizados em sua essência. Para o cristianismo, a ausência de religião era interpretada como a falta de alma, tratando-se de um ser inferior, comparado a um animal. Essa visão foi utilizada para justificar a escravidão dos africanos, considerados como seres desumanizados e bestializados; concepções estas, que vigoram no imaginário de grande parte da população na sociedade contemporânea, decorrente de imposições religiosas eurocêntricas que perpetuam até hoje.

## EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E PERSPECTIVAS DE LUTA

Diante de tantos relatos concernentes a forma de racismo vivenciado desde a infância pelo Sr. Jair, o indagamos sobre quais caminhos a tomar para continuarmos resistindo nessa luta contra o racismo.

Eu acho que ainda é adquirir conhecimento. Eu acho que quando você mostra ou que você conhece e domina começa a dar uma melhorada, por exemplo, se eu não me destacasse no que eu faço com certeza eu não teria o tratamento que a gente tem hoje. É impressionante mesmo, eu jamais entraria em uma loja aqui, o pessoal ignorava mesmo, inclusive, eu e a Juliana juntos, ignorava. Nossa, achava estranho aquilo lá! “O que que é aquilo”, a frase era mais ou menos essa. Depois que você conquistou um determinado espaço ali, que muita gente já sabe da sua opinião e tal, já mudaram muito, mas lá dentro você percebe que ainda tem algumas resistências, tanto é que tem algumas figuras que a gente lida no dia a dia, e a gente fala: “Ah em que lugar? ”, “Em tal lugar, na loja da figura racista” a gente faz essa referência. Porque, gente, é impressionante quando entra em restaurante, entra um médico assim, alguém chique, vamos dizer assim, como é bem recebido! Hoje a gente é bem recebida, é, mas ainda entre aspas. Então acho que é através de conhecimento e também... não sei se bater de frente, mas não no sentido gerando violência, mas sim usando argumento. Eu uso muito a parte religiosa do povo, eu falo as vezes com as figuras “Ó, cuidado meu amigo, vai que na hora que Jesus descer, você se surpreender com a cor dele! ”, eu falo assim, jogo essa parte religiosa da figura e fica sem chão. Então é isso, através de conhecimento para combater e a tolerância né, ter que aguentar todas as opiniões e se você se expressa, ainda você pode ser o “ah você está se fazendo de vítima” (Jair, 2024).

Para Kanbegele Munanga, (Géledes, 2023), antropólogo e professor brasileiro-congolês, não há uma receita para lutar contra o preconceito racial, mas há três caminhos possíveis: educação (com ensino antirracista), por meio de leis e ações afirmativas. E certamente, Sr. Jair não apenas sabe e sente na pele o que precisamos, como também atua enquanto cidadão, professor e músico para a construção de uma sociedade melhor por meio da educação, da música e de seu olhar humano, como podemos notar a seguir.

No que tange ao impacto e importância da música na atuação e combate contra racismo, Sr. Jair tem consciência do grande potencial de seu trabalho com a música para o enfrentamento de tantos preconceitos e desigualdades:

Sim, a música é uma arma bem poderosa mesmo, para didática, para pedagogia, muito forte mesmo. Eu, por exemplo, mostro muita música, faz tempo que a gente não toca, mas uma que até cheguei a gravar nesses dias de Consciência Negra, que é aquela do Chico Cesar “Respeite meus cabelos brancos”, eu cantando lá na sala, a molecada falou assim “Olha lá, mas seus cabelos não estão brancos?” Eles não entenderam né “Respeitem meus cabelos, VIRGULA, brancos”. Aí eu expliquei. Então, com a música talvez eles tenham um acesso mais rápido de percepção de esclarecimento. Porque muitos se identificaram, mudando de música, a da “Mama África”, que a mãe não tinha o marido era mãe solteira, tinha que acordar cedo cuidar da criança, levar na escola, dar comida, toda aquela correria que a música fala, eu falei “O que vocês acham dessa música?” Eles viram o clipe e tudo mais, eu falei “Tá vendo? Tem algum riquinho de carro chique? E escolinha particular?” Sabe, eu faço esse trabalho sempre. (Jair, 2024)

Buscando uma maior compreensão acerca de seu trabalho e papel social, quando questionado sobre a existência ou não de crianças negras nos dois Projetos, e se achava que elas se enxergavam nele, no seu cabelo, e em outras características, Sr. Jair destaca que:

É muito complexo isso aí, a maioria não é negra são poucos ou pardos e as meninas tem que estar com os cabelos esticados que parece que vai arrancar. Muitas eu acho que influenciei, tenho quase certeza, e outras antes também, quando elas viam que eu soltava o cabelo, cantava e brincava e tal, eu acho que falavam “eu acho que eu posso também, porque ele pode né” e a mãe e o pai vieram falar para mim “Ah, minhas filhas querem deixar o cabelo solto igual ao do senhor”. Aí falava: “Ai, que bom, que legal, que bom!” Porque as crianças vinham com a cabelo esticado no máximo, fazia aqueles tratamentos, triste mesmo. E são poucas, você acredita? E é um projeto voltado pra pessoas menos favorecidas, no entanto, tem um monte de gente que a maioria o pai e a mãe são bem empregados, tem carro tem uma vida legal e pouco são... Houve uma época que era muito mais, mas agora diminuiu e tem essa questão de meio que se libertar de “Olha, o professor está usando esse cabelo eu também vou usar”, brinco, dançar, as vezes faço coreografia, coloco mão na cintura, movimento e tal. Os meninos ficam meio resistentes, faço uns

aquecimentos na aula de técnica vocal de iniciação, que se você for fazer aquela coisa erudita, todo mundo sério cantando opera, você não chega a lugar nenhum com eles. Então, quando você quebra essa fronteira, eles começam a se soltar e outras meninas também, de outra cidade que eu dou aula, passaram a usar cabelo solto e eu não falei nada, só falando que nós podemos ser do que que a gente quer, falam “Tio, porque você deixa o cabelo solto? ”, “Porque você não corta? ” (risos). A Juliana até lembra, estava não sei onde e uma criança falou bem sério e disse “Corta esse balaio, tio! ” (risos). Aí eu falo: “Não posso fazer isso! ” E eles: “Porque não pode? ”, “Porque quando Deus foi fazer meu cabelo ele disse “Jair, eu vou fazer só pra você esse cabelo! ”” “Ah, Deus falou? ” “Claro que falou, Ele não fez tudo, então ele fez assim, ó que lindo! Você não gosta das coisas que Deus fez? ” “Não, eu gosto...” “Então, quem que fez o seu cabelo? ” “Ah foi Deus” “ E o meu? ” “É, também” “Então, pronto”. Vou falando assim, para perguntar para o pastor ou padre quem fez os cabelos.... Então vou nessa linha. Aí chega lá o padre fala ao contrário (risos). (Jair, 2024).

Nesse momento, o silêncio após sua fala deu voz à esperança, deu espaço para reflexão da potência desta luta poética e crítica. O conhecimento e a sabedoria do Sr. Jair nos fortalece nessa luta coletiva de enfrentamento contra tamanha ignorância e injustiças vivenciadas. E gostaríamos de finalizar esse artigo com a mensagem do Sr. Jair para as pessoas que enfrentam o racismo em seu cotidiano, uma fala que se tece de sofrimento, vitória, de muita luta e abraça o “nós”. Um “nós” que vem de dentro e não se pode calar.

Nossa, eu acho que tem que ter muita frieza, muita aceitação, se descobrir, dizer “Eu sou assim e pronto! ”, “Eu gosto do meu cabelo e pronto! ”, “Eu vou usar ele assim, porque é assim que estou bem! ” Sabe, acho que você tem que estar muito forte com você mesmo. E acho que fica mais fácil você despachar as figuras que aparecem, acho que é isso sabe, é muito dentro de você. (Jair, 2024).

Logo, na fala de do Sr. Jair notamos a importância de um processo de descolonização do pensamento e das estruturas sociais. Isso envolve repensar as narrativas históricas que subestimam ou excluem as contribuições dos povos não brancos e as estruturas de poder que perpetuam as desigualdades raciais. Além disto, demonstra a necessidade em nos entendermos e aceitarmos como somos, para que possamos nos tornar mais resistentes às agressões racistas, construindo uma postura de luta e de afirmação da identidade. A compreensão de si e da história dos antepassados, especialmente no contexto da luta contra a escravidão, colonialismo e racismo, é uma maneira de resgatar a dignidade e a força dos povos negros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a entrevista realizada com o Sr. Jair faz-se notório o quanto a concepção do racismo estrutural histórico é essencial para se identificar as raízes profundas das desigualdades raciais que persistem na sociedade contemporânea. Desde a colonização e a escravidão até as políticas de segregação e exclusão, as estruturas sociais foram moldadas por um legado de discriminação que ainda influencia as relações sociais e institucionais. O preconceito, manifestando-se em atitudes, comportamentos e políticas, reforça estereótipos negativos e limita oportunidades para as pessoas negras.

A história oral utilizada como método para compreensão das questões atreladas ao racismo, bem como para refletir sobre as possibilidades de enfrentamento, foi um caminho que nos levou ao alcance de um outro viés de conhecimento, pois a narrativa nos permite a compreensão da dimensão vivida, sentida e experienciada em suas diversas nuances pela perspectiva do outro, um outro que além de revelar suas subjetividades ainda consegue ampliar a voz de um coletivo, de grupos de negros e negras que vivem na pele diferentes tipos de discriminação e injustiça diariamente, mas que também lutam como podem para construção de uma sociedade mais igualitária.

No decorrer da discussão, ficou evidente ainda que a visão cristã eurocêntrica está intimamente entrelaçada com o racismo estrutural, gerador de desigualdades que se manifestam no tratamento das religiões de origem africana. Ao dialogarmos com o discurso em torno das questões religiosas e do racismo estrutural em relação à fala do Sr. Jair, pode-se perceber o profundo enraizamento da religião católica na vida familiar do entrevistado e reconhecer que lidar com questões religiosas exige um confronto também com o racismo estrutural. A narrativa do Sr. Jair demonstrou como a discriminação racial dificulta o acesso igualitários aos direitos, somado se a isso, a dupla discriminação, devido à religião, além disso, os estigmas alimentados pelo racismo estrutural “você não é mais de Cristo” e “você tem que arrumar um serviço pra você parecer igual branco”.

À luz das considerações acima mencionadas, sabemos que não são fáceis os caminhos para o combate a problemática, mas existem e são possíveis como bem nos mostrou Sr. Jair em sua luta poética e crítica diária com seus alunos. Logo, torna-se evidente, que existe uma necessidade urgente da tomada de medidas reais destinadas a desconstruir o racismo estrutural, uma vez que a obrigação de abordar essas questões se estende além das vítimas e devem abranger a sociedade como um todo. Promover uma estrutura educacional que enfatize o respeito pela diversidade, juntamente com a defesa de políticas que garantam

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Volume Especial “Ocupação Preta: a história de um é a narrativa de todos”, pg. 102-121, mar/2025.*

a proteção das liberdades religiosas, constitui iniciativas fundamentais para cultivar uma sociedade mais justa na qual a justiça seja acessível a todos.

Agência de Fomento: Proec/UNESP

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo Estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- BARTEL, Carlos Eduardo. Manifestações de Racismo e de Intolerância no Brasil Contemporâneo. **HISTÓRIA UNICAP**, Recife, PE, Brasil, v. 1, n. 1, p. p. 104–118, 2014. DOI: 10.25247/hu.2014.v1n1.pp. 104-118. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/379>.. Acesso em: 27 jan. 2025.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. Cap 1. A substância Social da Memória. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOSI, Ecléa. **A pesquisa em memória social**. Psicologia USP. SP, vol. 04, 1993.
- DELGADO, L. de A. N. (2009). **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. História Oral, 6. <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>
- FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e Abusos da História Oral**. RJ: FGV, 1998
- FERNANDES, Nathalia Vince Esgalha. **A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra religiões de matriz africana**. **Revista Calundu**. Vol. 1, n. 1, jan-jul, p. 117-136, 2017. MACEDO, Edir. Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios? São Paulo: Unipro, 2000.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**, Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. n-1 edições, 2018.
- MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB-RJ, 2003.
- MUNANGA, Kabengele. **Teoria Social e Relações Raciais no Brasil Contemporâneo**. USP, 2010.
- PORTELLI, Alessandro. **O que diferencia a história oral?** In: PORTELLI, A.A morte de Luigi Trasulli e outras histórias: forma e significado na história oral. Nova York: The State University of New York Press, 1991, p. 45-58.
- PORTELLI, Alessandro. **Um trabalho de relação: observações sobre a história oral**. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.7, n°13 jul-dez, p.182-195, 2017.
- PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente?** Proj. História, São Paulo, fev, 1997.